



**XXXIII SIC** SALÃO INICIAÇÃO CIENTÍFICA

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2021: SIC - XXXIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2021
<b>Local</b>	Virtual
<b>Título</b>	O efeito do COVID-19 no risco individual de índices de mercado
<b>Autor</b>	LUCAS BENETTI DE OLIVEIRA
<b>Orientador</b>	MARCELO BRUTTI RIGHI

Lucas Benetti de Oliveira

Marcelo Brutti Righi

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

### **O efeito do COVID-19 no risco individual de índices de mercado**

A rápida disseminação da COVID-19 foi acompanhada por perdas generalizadas e aumento da volatilidade nas bolsas de valores em todo o mundo. O pânico nas bolsas de valores criou um nível de risco sem precedentes em comparação ao gerado por outras doenças infecciosas. Diante disso, esse trabalho visa estimar o risco individual do mercado de ações dos países mais afetados pelo COVID-19. A amostra é composta por 35 países com maior número absoluto de casos ou mortes causadas por COVID-19 até novembro de 2020. A amostra selecionada contempla países com maiores bolsas de valores do mundo, como Estados Unidos, e países que pertencem ao G-20. Logo, é justificável avaliar os efeitos do COVID-19 em tais países. A análise é feita com os dados diários do índice do mercado acionário de cada país de 17 de novembro de 2018 até 17 novembro de 2020. O risco individual é estimado por meio das seguintes medidas de risco: *Value at Risk (VaR)*, *Expected Shortfall (ES)*, *Expected Loss (EL)*, *Expectile Value at Risk (EVaR)*, *Mean plus Semi-Deviation (MSD)*, e *Maximum Loss (ML)*. Os resultados do estudo mostram que o risco individual atingiu o pico em março de 2020. Os países que foram os epicentros da pandemia após a China, como países europeus e americanos, tiveram níveis críticos de risco individual. A Argentina apresentou o maior risco médio em relação aos países da América Latina. Esse resultado é justificado pelos choques macroeconômicos e políticos que o país sofreu durante o período de análise. Também se detectou que o risco da China, apesar de ser o primeiro epicentro da pandemia, variou pouco entre o período anterior e durante a pandemia. Entre as justificativas está o fato de a China conseguir conter o vírus rapidamente e reiniciar suas atividades econômicas.